

A construção identitária na adolescência em contextos violentos na perspectiva da

Clínica em Saúde Mental

Pesquisadora Responsável: Marta Conte

Bolsista: Marília Silveira

Local de origem: Escola de Saúde Pública /RS

Introdução

O objetivo desta pesquisa foi estudar o tema da construção identitária na adolescência no contexto de situações de violência na perspectiva da Saúde Mental da Rede de Saúde Pública de Porto Alegre. Como objetivos específicos situamos: conhecer as demandas e formas de acolhimento, as concepções sobre violência, verificar o acompanhamento dos profissionais da saúde mental e como são operacionalizados as diretrizes e os princípios do SUS (integralidade, acolhimento, interdisciplinaridade, intersetorialidade, etc.). Os serviços escolhidos foram dois ambulatórios do município de Porto Alegre que atendem situações de violência. Esta pesquisa é financiada pelo Edital 3/2008 do CNPq.

A maioria das pesquisas e, essa também, sobre as demandas voltadas para os serviços públicos tem sido desenvolvida visando contribuir para o movimento da Reforma Psiquiátrica, aproximando conceitos e práticas do SUS aos aspectos fundamentais da clínica psicológica e psicanalítica (BIRMAN, 1978; COSTA, 1989; 1990; BEZERRA, 1991; ALBERTI ET AL, 1995; MACHADO, 1995; LEVCOBITZ, 1995; FIGUEIREDO, 1995, 1996, 1997, 2004; FIGUEIREDO ET AL., 2001; QUINET, 2001; TENÓRIO, 1996, 2001).

Justificativas

Na década de 90, a preocupação com o tema ganhou prioridade nas agendas das organizações internacionais do setor e passou a ser considerada problema de saúde pública, envolvendo investimentos em políticas e planos nacionais de prevenção e controle e buscando a colaboração de todos os setores sociais envolvidos (MINAYO, 1994). A partir do ECA (1990), o (a) adolescente passa a ser sujeito de direitos, disto se desdobra a necessidade de atenção integral, estímulo ao protagonismo e políticas públicas integradas. As situações de violência que envolve os adolescentes e as adolescentes são resultado da vulnerabilidade social que vivem e que se não elaboradas produzem revitimização e estigmatização. Neste sentido, emerge o desafio de que essas situações tenham acolhimento na rede pública de saúde mental e, para isto, o SUS

precisa se organizar do ponto de vista da qualificação profissional e da implantação de ações de atenção orientadas para a integralidade, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa intervenção que combina ferramentas da psicanálise e da pesquisa social. A coleta de dados foi realizada através de dois métodos, a construção de caso com as equipes e as oficinas de história de vida com os(as) adolescentes. Utilizou-se o referencial psicanalítico tanto durante a coleta de dados quanto durante a análise dos mesmos.

Resultados

A composição das duas equipes é multidisciplinar e a demanda é predominantemente de situações ligadas à violência urbana (em privação ou em semi liberdade) encaminhados especialmente pela instituição sócio-educativa, e de adolescentes do sexo feminino encaminhadas pelos conselhos tutelares por conta da negligência familiar e abuso sexual. A forma de acolhimento é em grupo e há problemas de lista de espera. Os principais desafios enfrentados pelas equipes é o baixo índice de adesão ao tratamento e a frágil articulação com a rede intersetorial (atenção básica, instituição sócio-educativa, abrigagem, conselho tutelar, serviços especializados em saúde mental, esporte, lazer e cultura, entre outros) para o seguimento e acompanhamento do plano terapêutico singular.

As equipes vivem a “sensação” de violência “generalizada” que é observada em todas as esferas e segmentos da vida social e isto tem interferido na escuta, exigindo supervisão clínico-institucional e uma maior retaguarda da rede intersetorial. Verificamos que na maioria dos casos analisados nas duas equipes há um deslizamento da identidade de agressor ou de vítima, diminuindo a revitimização e a estigmatização, através da mobilização de recursos psíquicos e sociais e da valorização de traços encontrados no universo da família, da instituição e do serviço de saúde, que permitem um destino de menor risco para eles (elas). Isto tem permitido saídas de posições identitárias cristalizadas na violência para a ressignificação da situação de violência, com mudanças nas subjetividades e nas perspectivas de reinserção social destes (destas) adolescentes.

As equipes dos ambulatórios manifestaram a importância das discussões de caso proposto pela pesquisa, especialmente como espaço de reflexão das práticas e fluxos e

relações intra-equipe, cuidado ao cuidador e para ampliar a aproximação com recursos da comunidade e com a rede de serviços intersetoriais. Isto reafirmou a necessidade de expandir a supervisão clínico-institucional que hoje existe em CAPS, para todos os serviços da rede de saúde, como política de saúde mental. Das oficinas com as adolescentes resultou a produção de um texto organizado em formato de livro, ilustrado com fotos e painel de imagens montado por elas e que será utilizado da forma como acharem melhor para transmitir esta experiência.

Quanto a como a perspectiva das diretrizes e princípios do SUS (integralidade, acolhimento, interdisciplinaridade, intersetorialidade, etc.) nas duas equipes dos serviços pesquisados foi possível verificar a abordagem integral e a concepção de sujeito complexo ao praticarem um desfocamento do ato violento para acolher e escutar o sujeito em suas várias dimensões. Para isto são mobilizados diferentes recursos potencializadores de cuidado e de vida nos sujeitos e, também, são valorizados recursos, tais como estimular a co-responsabilidade dos profissionais nas diferentes instâncias da rede intersetorial (escola, abrigo, instituição socioeducativa, atenção básica, outros serviços especializados, internação, entre outras). As duas equipes manifestaram desconforto com a gestão municipal de saúde mental pela fragmentação da rede e falta de política para o tema da violência.

Para finalizar, os conhecimentos construídos por esta pesquisa vêm integrando o planejamento de ações de educação permanente em nível estadual para qualificação do trabalho das equipes matriciais, assim como busca enriquecer as tecnologias em saúde mental e as ferramentas clínico-institucionais no tema da violência.

Referências:

ALBERTI, S. e cols. A demanda do sujeito no hospital. *Scientia Médica*, vol. 1, nº 1, out./nov./dez. 1995.

BEZERRA, B. A psicanálise é humana, demasiado humana. *Anuário Brasileiro de Psicanálise* de 1991. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

BIRMAN, Joel. Demanda psiquiátrica e saber psicanalítico. *Sociedade e doença mental*. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

BOURDIEU, Pierre. La ilusión biográfica. In: *História y Fuente Oral*. Barcelona, n. 2, 1989.

BRASIL. *Estatuto da Criança e Adolescente - ECA*, Lei 008.069, de 1990.

- COSTA, J.F. *Psicanálise e contexto cultural*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- COSTA, J. F.. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FIGUEIREDO, A.C. Do trabalho clínico sobre o sofrimento psíquico. Trabalho apresentado no I Seminário de Saúde Mental e trabalho do Programa de Pesquisa. Rio de Janeiro, UFRJ/IPUB, 11 de novembro de 1995.
- FIGUEIREDO, A.C. Por uma psicanálise possível nos serviços de saúde mental. *Cadernos do IPUB*. Por uma assistência psiquiátrica em transformação. Rio de Janeiro: UFRJ, nº 3, 1996.
- FIGUEIREDO, A.C. Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- FIGUEIREDO, A.C. et al. Pesquisa clínica em psicanálise: a elaboração de um método, In Figueiredo, A.C. (org.) *Psicanálise, Pesquisa e Clínica* Rio de Janeiro, Coleções IPUB, Rio de Janeiro, CUCA-IPUB/UFRJ, p. 11-24, 2001.
- FIGUEIREDO, A.C. A Construção do Caso Clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Revista de Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço dos projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.25, n.2, p. 11-23, jul/dez. 1999.
- LEVCOBITZ, S. e cols. O ambulatório de saúde mental como dispositivo pedagógico-assistencial. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq. 1995.
- MINAYO MC & ASSIS S. Violência e saúde na infância e adolescência: uma agenda de investigação estratégica. *Saúde em Debate* 39:58-63, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*. v.10, supl.1, Rio de Janeiro, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- QUINET, A. *Psicanálise e Psiquiatria – controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios ambiciosos, 2001.
- TENÓRIO, F. Um ano de grupo de recepção: uma mudança conceitual? Trabalho apresentado no I Seminário da Equipe dos Grupos de Recepção do IPUB/UFRJ, abril de 1996.

TENÓRIO. F. A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.